

AQUI 'NASCEU' O ICÔNICO CHAPÉU DE

INDIANA JONES™

Trajetória da Cury conecta Campinas a um dos maiores sucessos do cinema

Por Ana Carolina Martins

O deserto parece não ter fim... O vento levanta a poeira em redemoinhos, enquanto ele corre... não por coragem, mas por instinto. O seu chapéu quase voa, enquanto o seu chicote estala no ar, e, por um segundo, tudo parece perdido! Eis então que, em um último gesto antes da porta de pedra se fechar, ele se joga pela pequena abertura ainda possível, sem deixar cair o seu chapéu, um fedora marrom que permanece firme na sua cabeça.

Foi ali, naquele frame congelado do filme de aventura, que o personagem do ator estadunidense Harrison Ford imortalizou o dr. Henry Walton "Indiana" Jones Jr., um arqueólogo destemido, que equilibrava a vida acadêmica com aventuras perigosas na década de 1980.

Indiana Jones, criado pelos gênios do cinema - George Lucas e Spielberg - tornou-se um ícone pop na época, conhecido por ser audacioso, charmoso e ter um medo irracional de cobras. Não apenas pelo arqueólogo destemido que representava, mas por aquilo que o identificava à distância: o seu chapéu.

'DNA campineiro'

O que pouca gente imagina é que, entre templos fictícios, serpentes cenográficas e relíquias lendárias, um fio invisível liga esta produção de Hollywood à Campinas. Um apetrecho que era parte integrante da identidade visual

daquele personagem, cujo sucesso foi tão retumbante que ganhou uma série cinematográfica: o chapéu com o DNA campineiro. E, sim, a aventura também começou aqui.

Ainda que exista disputa histórica sobre o design original do chapéu, há um consenso importante: a tradicional fábrica Chapéus Cury, em Campinas, participou diretamente da produção em larga escala do acessório que se tornaria um ícone mundial. Um cliente ligado ao projeto do filme solicitou à empresa chapéus semiacabados que seriam finalizados no Exterior.

Na fábrica, ninguém tinha ideia da dimensão a que chegaria este pedido. Não sabiam que aquele "personagem de aventura" ganharia rosto, muito menos que esse rosto seria o de Harrison Ford. Eles somente souberam depois, no escuro do cinema, como qualquer outro espec-

tador... Estava ali, na tela, um objeto moldado em Campinas e que havia atravessado o mundo.

Foram produzidas peças para o figurino e milhares de unidades posteriormente, diante da explosão de popularidade do filme. Ao longo das décadas, estima-se que centenas de milhares de chapéus do "Indiana Jones" tenham saído diretamente das linhas de produção da Cury.

Antes de Hollywood

Foi assim que a tradicional fábrica se inscreveu, discretamente, na história do cinema. Contudo, a saga da Chapéus Cury começou muito antes de Hollywood. Fundada na década de 1920, o negócio nasceu pequeno, quase artesanal, fruto da iniciativa de imigrantes que enxergaram em Campinas, em plena transformação, um terreno fértil para crescer.

Carlos Bassan/PMC

A fábrica de Cury em Campinas, que foi desativada em 2012

A Chapéus Cury chegou a empregar cerca de mil trabalhadores, produzindo para todo o Brasil, aproveitando a proximidade com as ferrovias da Mogiana e da Paulista para distribuição. Era uma outra época, quando Campinas vivia uma industrialização pulsante e elegante.

Lado invisível

Na fábrica Cury, havia também um lado invisível. O cheiro de lã e madeira, o vapor das máquinas, o silêncio concentrado dos chapeleiros moldando peças quase à mão... Somente aqueles que entraram ali podem efetivamente descrever a sensação de atravessar o tempo, como se cada sala guardasse memórias impregnadas nas paredes.

Contudo, como tantas indústrias tradicionais, enfrentou o declínio de um hábito que desaparecia das cabeças e das ruas. O chapéu deixou de ser necessidade, virou escolha. Depois, uma raridade. A produção seguiu, resistente, até o encerramento das atividades em 2012.

O tempo, algo que antes impulsionava, passou a corroer. Anos depois, o abandono transformou aquele espaço em ruína e, em 2022, grande parte da estrutura foi demolida, dando lugar a um novo empreendimento urbano.

Um fim que não tem fim

Restaram apenas a fachada e a chaminé preservadas como memória física de um passado que não existe mais, mas que permanece na memória dos campineiros. Um tipo de fim que não é exatamente um fim, porque há lembranças e histórias que continuam mesmo quando os prédios caem. A Chapéus Cury é uma delas.

Reprodução/@lagonfilmes



O fedora produzido pela fábrica de Campinas,



Harrison Ford, interpretando Indiana Jones, com icônico chapéu produzido em Campinas